

Cinco Gatos e a Pergunta do Inquilino

O corpo é o hardware, o instinto é o software. E quem é o usuário?

Rafael M. Ehlers · 18 de julho de 2026

rafaelmehlers.com.br/essays/five-cats-and-the-tenants-question

Tenho cinco gatos. Cinco corpos parecidos, cinco repertórios de instinto quase idênticos, e cinco criaturas que não se confundem um minuto sequer.

Percebi isso arrastando uma fitinha pelo chão. O bote veio de todos: a pupila que dilata, o corpo que abaixa, o quadril que balança, o salto. É o mesmo gesto em cinco corpos, tão antigo quanto a espécie, disparado por um movimento que nenhum deles precisou aprender a reconhecer do zero. Nesse instante, os cinco são um só gato.

No segundo seguinte, se separam de novo. Um leva a fita para debaixo do sofá e monta guarda, cioso. Outro perde o interesse na hora, como quem já sabe que aquilo não se come. Um terceiro brinca com a delicadeza de quem tem medo de quebrar o brinquedo. O bote pertence à espécie. O que vem depois do bote pertence a cada um.

O que a natureza entrega

Como aproximação grosseira, duas camadas parecem vir prontas.

O corpo é o hardware: garras, retina, circuitos neurais cuja arquitetura começa a se formar antes de qualquer experiência consciente.

O instinto é o software: predisposições herdadas para caçar, fugir, cortejar, cuidar, reconhecer certos sinais e responder a eles. A analogia ajuda a formular a pergunta, mas não descreve literalmente um organismo. O corpo muda com a experiência; o instinto também se mistura ao aprendizado; e nenhum dos dois chega completamente acabado.

A etologia clássica de Konrad Lorenz e Niko Tinbergen, reconhecida pelo Nobel de 1973, descreveu padrões de ação desencadeados por estímulos-sinal. Hoje sabemos que mesmo esses comportamentos variam com o contexto, com o desenvolvimento e com a história do indivíduo. Ainda assim, algo no bote antecede a deliberação. O gato não precisa formular a intenção de caçar a fita para que o corpo já esteja se preparando.

As raças mostram outra parte do problema. A criação seletiva pode tornar certos traços mais prováveis: um temperamento típico, maior intensidade de caça, um modo recorrente de se ligar às pessoas. Mas não fixa um programa. Há diferenças entre raças e diferenças ainda maiores dentro de cada uma. A herança distribui tendências; não escreve um personagem completo.

O que transparece

E, ainda assim, dentro da mesma raça, cada bicho continua sendo um.

Isso poderia ser apenas a minha ternura projetando gente onde há bicho. A objeção não deve ser descartada. Mas dois fatos tornam a pergunta mais difícil.

Pegue camundongos geneticamente idênticos e coloque todos no mesmo grande ambiente enriquecido. Num estudo publicado na *Science* em 2013, quarenta camundongos isogênicos, vivendo no mesmo recinto, desenvolveram trajetórias exploratórias cada vez mais diferentes. Essas trajetórias se correlacionaram até com diferenças na formação de novos neurônios no hipocampo.

O recinto era compartilhado, mas a experiência não. Cada animal percorreu lugares diferentes, encontrou outros indivíduos em momentos diferentes e, ao agir de um modo próprio, passou a produzir para si um mundo próprio. Genes iguais e cenário comum não resultaram em vidas iguais.

E há CC, o primeiro gato clonado, nascido em 2001 a partir do DNA nuclear de uma gata chamada Rainbow. CC tinha outra distribuição de cores na pelagem, resultado possível de processos do desenvolvimento, e foi descrita por quem conviveu com as duas como tendo outro temperamento. A pelagem é um fato documentado; a comparação de temperamento é uma observação, não um experimento controlado. CC não prova a existência de uma mônada. Mostra apenas, de maneira particularmente visível, que clonar um genoma não é reproduzir um indivíduo.

Quando genética e cenário compartilhado são mantidos tão próximos quanto possível, a variação individual não desaparece. Surge algo que não estava especificado de antemão como um roteiro completo.

A bifurcação, e onde eu aposto

A ciência tem uma resposta sóbria para esse surgimento: desenvolvimento. Nenhum organismo se monta duas vezes da mesma maneira. Variações celulares, regulação epigenética, encontros não compartilhados e os efeitos do próprio comportamento sobre o ambiente formam ciclos de retroalimentação. Num sistema sensível, pequenas diferenças iniciais podem se ampliar até se tornar um modo estável de estar no mundo. Não é preciso postular um usuário separado para explicar isso.

Aqui eu paro de relatar e passo a apostar, e quero a linha entre as duas coisas bem visível. Tudo o que escrevi até agora se sustenta sem a minha metafísica: a etologia, os camundongos, o clone, a divergência produzida pelo desenvolvimento. O que vem agora é leitura filosófica, não resultado.

Eu aposto que essa singularização é também o lugar por onde a mônada começa a transparecer.

A natureza certamente fabrica organismos singulares. O que eu duvido é que a descrição desses organismos esgote quem os habita. Ela constrói veículos e os equipa com predisposições afinadas por milhões de anos para a vida de uma espécie. Na minha leitura, a mônada se manifesta através desse conjunto como um músico se manifesta através de um instrumento que também está sendo formado enquanto é tocado.

A mônada, aqui, não é uma personalidade pronta sentada atrás dos olhos, nem um pequeno piloto diante dos controles. Segundo o mapa que proponho em *A Jornada da Mônada*, ela existe antes do “eu”, mas ainda não se sabe separada. Quase tudo o que faz nesse estágio passa pelo repertório comum, pela alma grupal da espécie. O bote é de todos e de nenhum.

Mas ela não cabe inteira na descrição do repertório. E o que transparece pelas beiradas (o cioso, o entediado, o delicado) não precisa ser uma personalidade trazida pronta de outro lugar. Pode ser o primeiro contorno que a mônada adquire ao aprender a manifestar-se por meio de um veículo cada vez mais capaz de separação.

O gato não diz “eu” como nós dizemos. Se já se sabe alguém de alguma maneira tênue, não tenho como saber. O que ele me deixa ver é o limiar: não um usuário completo, mas o rascunho de quem um dia fará a pergunta.

Essa é a única coisa que os meus gatos me mostram, e me mostram bem. O veículo e o repertório da espécie não esgotam a criatura que aparece diante de mim.

Não posso demonstrar que essa leitura esteja correta. Quem olhar para os mesmos dados e vir um sujeito inteiramente emergente do desenvolvimento não está sendo obtuso, está apostando diferente. Só peço que ninguém confunda as duas metades deste texto.

A fita é sempre a mesma para os cinco. É por isso que eu a arrasto: não apenas para ver o padrão da espécie despertar, mas para ver, no segundo seguinte, o que cada um faz com ela.

E nós?

A pergunta que fica, no entanto, não é sobre gatos. Se a natureza me entrega algo parecido com hardware e software, entregou o meu também. O que começou a funcionar em mim antes de qualquer escolha? O susto que chega antes do pensamento. Fico alerta no escuro. O puxão que o choro de um bebê exerce sobre tantos adultos. Insisto em ver um rosto nas nuvens. A fome de pertencer a um grupo, e a desconfiança de quem parece ameaçar o meu. A experiência e a cultura moldam tudo isso, mas nada disso começou como decisão consciente. Já estava em movimento quando aprendi a chamá-lo de “eu”.

E há uma parte desconfortável nisso. Eu enxergo o programa do gato porque estou de fora dele. No meu, estou dentro. Não vejo a fita ser arrastada.

Então fica a pergunta, e eu não tenho a resposta: quanto daquilo que eu chamo de mim é a mônada transparecendo, e quanto é só o bote da espécie, disparado por um estímulo que eu nem percebo que existe?

Referências

Os padrões de ação, os estímulos-sinal e os mecanismos inatos de liberação: conceitos da etologia clássica de Konrad Lorenz e Niko Tinbergen. Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina, 1973 (dividido com Karl von Frisch). A separação rígida entre comportamento inato e aprendido foi posteriormente relativizada. nobelprize.org · [PMC6394777](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/PMC6394777/)

A divergência de trajetórias exploratórias em camundongos geneticamente idênticos, vivendo no mesmo ambiente enriquecido: Julia Freund et al., “Emergence of Individuality in Genetically Identical Mice”, *Science*, 2013. science.org

O primeiro gato clonado, CC, nascido em 2001 na Texas A&M a partir do DNA nuclear de Rainbow; o artigo científico documenta a clonagem e a diferença na pelagem, não uma comparação controlada de temperamento: Taeyoung Shin et al., “A cat cloned by nuclear transplantation”, *Nature*, 2002. [nature.com](https://www.nature.com) · vetmed.tamu.edu

A influência conjunta de herança, ambiente e desenvolvimento sobre o temperamento dos gatos: [PMC7552130](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/PMC7552130/)

A mônada, os veículos, a alma grupal e a individualização são desenvolvidos no meu livro [A Jornada da Mônada](#).